



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

APRENDENDO COM AS MAIS VELHAS

O legado afro-cultural de Vera Paixão de Curitiba-PR ao centro da Terra

Priscilla Silva Pontes

Programa de Pós-Graduação em Dança - Universidade Federal da Bahia

Membro do grupo GIRA – Grupo de Pesquisa em Culturas Indígenas Repertórios Afro-Brasileiros e Danças Populares

E-mail: p.pontes@hotmail.com

Resumo: Este artigo constrói um olhar atento e reflexivo para o legado de uma importante referência para as presenças e culturas negras na cidade de Curitiba. Trata-se de Vera Paixão: mulher negra, paranaense, mãe, militante, artista, autodidata comprometida com a dança como exercício de liberdade. Sua trajetória revela um fazer artístico plural e politicamente engajado na luta contra as múltiplas faces do racismo e das desigualdades. Ao fundar e coordenar projetos como *Grupo Afro-Cultural Ka-Naombo* (1991) *Concurso Beleza dos Palmares* (1998 – 2012) – sobre os quais discutiremos mais profundamente – a artista junto as comunidades que participa, instaura e gere poderosos territórios de resistência. Seus fazeres insurgem através de gerações atravessando duras camadas de silenciamento invisibilidade e apagamento histórico que soterram as presenças negras na chamada ‘*capital européia*’. Estas que asfixiam e enterram nossos corpos e memórias sob o *petit-pavé*. Como fruto e testemunha, e ainda enquanto mulher negra e pesquisadora da dança, reverencio sua pessoa e seu legado fazendo das palavras arado e sementeira.

Palavras-chave: Ancestralidade, Identidade, Curitiba, Vera Paixão.

Estabelecer conexões profundas com a terra sobre a qual nossas danças dançam implica nesta reflexão, reconhecer a terra – o chão e suas múltiplas camadas de história – como dimensão fundante do dançar e do existir.

Afinal, para além de uma superfície sobre a qual dançamos ou nos movemos diariamente, a terra é um corpo ancestral. Um campo de forças que gera e possibilita vida. Esta generosa e velha senhora da qual freqüentemente nos afastamos na medida em que nos tornamos pessoas adultas. Esta dos crespos cabelos de troncos e folhas, da pele escura de barro e de pó que gira elíptica na

imensidão enquanto arrancam seus cabelos, asfixiam suas narinas, perfuram suas vísceras e mutilam seus membros em nome do poder e do tal progresso. Ainda assim, ela gira elíptica em torno de si e do sol na imensidão do universo. Sabendo-se parte e todo ao mesmo tempo. Eis a primeira *mais velha* e o primeiro *legado* que move esta escrita: a Terra e sua sabedoria.

Falar sobre Vera Paixão (1968 –) e seu legado é também falar sobre uma pessoa de presença ampla ligada de diversos modos à sapiência de nossa primeira mais velha.

A compreensão da Terra como mais velha está ligada neste texto a ancestralidade como



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulheres e Políticas da Pátria

fundamento e dimensão da vida e do saber. Atrelada a uma visão de mundo que “inclui no mesmo circuito fenomenológico as divindades, a natureza cósmica a fauna a flora, os elementos físicos, os mortos os vivos e os que ainda vão nascer, concebidos como anelo de uma complementaridade necessária, em contínuo processo de transformação e devir (MARTINS, 2002, p.84)”, concepção ancestral africana sobre a qual nos fala Leda Maria Martins.

O respeito às mais velhas e mais velhos é um fundamento presente nesta cosmovisão que, em minha experiência de vida, vem sendo redimensionado em larga escala pelo acesso e identificação com o universo das culturas populares e das chamadas danças-afro, universos de reinvenção das culturas negras que também se fazem presentes em Curitiba no estado do Paraná.

Região que vem sendo construída como homogeneamente branca e capital de primeiro mundo. Cidade na qual, pessoas negras e suas experiências de vida vem sendo historicamente reduzidas a um “pequeno grupo que sempre sofreu e continua sofrendo no Paraná, da tendência a desaparecer [...] (1989, p.133)”, como escreveu o intelectual Wilson Martins no século passado em seu livro intitulado *Um Brasil diferente*.

Discursos como esse vem se atualizando ao longo do tempo e corroborando para a

construção de uma imagem fictícia acerca de nossos processos históricos e sociais e perpetuam através dos tempos um pensamento que exalta a presença dos imigrantes europeus e romantiza o período escravista, uma vez que, o autor afirma tratar-se de um tipo de “escravatura urbana, de empregadas domésticas e cozinheiras, onde não houve clima para que vicejasse o ambiente senzalesco de que temos notícia em outras regiões do país (MARTINS, 1989, p. 130).

Apesar das atualizações de discursos como este, apesar do projeto urbanístico segregador, apesar do projeto arquitetônico exaltar a presença européia em seus memoriais, parques e praças (MORAES:SOUZA, 1999), me faz muito sentido o dito “*quiseram nos enterrar, mas não sabiam que éramos sementes*”.

Este é o chão sobre o qual danço e vivo. Chão de minha própria história enquanto dançarina, professora e pesquisadora de dança. Como seguir sem avaliar criticamente a história única e o contexto de invisibilidade que asfixia nossas existências ao longo dos séculos? Como seguir sem pedir licença aos que vieram primeiro intervindo e respondendo a esta realidade de apagamento, sem conhecer e aprender com seus feitos?

O legado de Vera construído junto das coletividades as quais pertence, está inscrito neste chão. É uma das tantas histórias de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulheres e Políticas da Cidade

resistência, que atravessam meu percurso e o de tantas pessoas negras que vivem neste contexto representado e lido como branco. Como observa o historiador Octavio Ianni:

“Nas comunidades em que o contingente de escravos [pessoas escravizadas] foi pequeno, em termos absolutos, nem sempre isso significou um regime de castas menos caracterizado ou fracamente estruturado. [...] quando a economia não possibilita um amplo desenvolvimento da escravatura, como ocorre em Curitiba, verifica-se, a despeito disso, uma acentuada elaboração do processo escravista (IANNI, 1962, p.9)”.

Essa acentuada elaboração de que nos fala o autor, circunscreve ao longo do tempo uma realidade de apagamento histórico e desconhecimento da população sobre suas próprias histórias e *identidades culturais*.

O teórico jamaicano Stuart Hall (2006) nos ensina que as identidades culturais estão ligadas a “aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, lingüísticas e religiosas e, acima de tudo nacionais (HALL, 2006, p.8)”.

“Nossa, você é de Curitiba? Não sabia que tinha negros lá” “samba, capoeira, dança-afro, candomblé? Capaz guria, isso não existe aqui”. Recorrentes indagações, e ainda as outras: “Curitiba é aquela cidade que o lixo vai sozinho pra lixeira? Aquela cidade que não tem favela?” como ouvi de uma conhecida na Bahia.

Quanto mais tenho oportunidade de me deslocar pelo país mais essa lista aumenta.

Afinal, as representações da cidade na mídia estão historicamente ligadas a *slogans* midiáticos como “A Capital Ecológica (1993 a 1998), Curitiba A Capital Social (1999 a 2004), Curitiba a Cidade da gente (2005 a 2010) Cidade Modelo, Em Curitiba, tudo é pra família (2011 -).” como observa a pesquisadora Marina Pimentel (2012)¹.

Os caminhos que me fazem nessa cidade contam outras histórias e cada vez mais, compreendo a importância de falar sobre elas. Afinal, as identidades como diz Hall, “são formadas e transformadas no interior da *representação* (2016, p.48)”. Falo sobre uma Curitiba que é também Igreja do Rosário dos Homens Pretos (1737), Sociedade Treze de Maio (1888)² e Gameleiras Sagradas³. Curitiba Um Baile Bom! Lugares de Axé⁴. Curitiba gingas, capoeiras e mundaréis.

As curitibas plurais e diversas que conheci, as que tantas que desconheço e as que não serão mencionadas aqui, por conta do espaço e recorte do texto, mas que Vera e seu legado em alguma medida dizem respeito.

¹ Pesquisa midiática realizada pela autora sobre os slogans oficiais da prefeitura entre os anos 1993 e 2011 (PIMENTEL, 2012, p.62-68)

² Documentário Sob A Estrela de Salomão
<http://sobaestreladesalomao.blogspot.com/>

³ Ver projeto Linha Preta:
<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>

⁴ Ver projeto Lugares de Axé:
<http://lugaresdeaxe.org/index.php/lugares-de-axe/>



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Culturas e Danças da África

Nossa ancestralidade vive e presenças como as de Vera são destas que “dançam para não esquecer, ou para lembrar” como diz o professor Clyde Morgan no documentário *Um Filme de Dança* (2013)⁵.

O método utilizado para escrita do texto conta com entrevista cedida pela autora (PAIXAO, 2017), levantamento de registros ligados a sua trajetória profissional e às entidades socioculturais às quais está vinculada. É realizado sob a perspectiva da observação participante e com base no entendimento de que “sujeito e objeto não são categorias transcendentais, mas configurações históricas (BARROS; KASTRUP, 2015, p.54)”.

Busco trançar nesta escrita, pensamentos teórico-científicos aos feixes de memórias inscritas em meu corpo, uma vez que “é no corpo que a história se funda (SILVA, 2016)”. Memórias que dizem respeito ao acesso a espaços de cultivo de valores e saberes ancestrais africanos.

No campo teórico, a concepção de *ancestralidade* ora esboçada no início do texto em diálogo com a professora Leda Maria Martins (2002) é fundante ponto de partida e de chegada. As reflexões propostas

pela antropóloga e dançarina Luciane Ramos Silva (2018) acerca de como a *colonialidade* atravessa nossos corpos e saberes, movem e contribuem para esta reflexão, bem como os estudos do pensador jamaicano Stuart Hall (2006) que baliza nosso entendimento sobre *identidade cultural*.

O encontro teórico e dançante com a pesquisadora dos Blocos-Afro de Salvador Vânia Oliveira e as ARA-ÌTÀNS⁶ *Corpos-História* é por fim e, sobretudo, precioso referencial epistemológico nesta rota reflexiva. Ao evidenciar a importância histórica e social de blocos como Ilê Aiyê, Malê de Balê e Muzenza apontando os concursos de beleza negra enquanto “concursos que tornam mulheres negras representantes de beleza, propulsoras de processos cognitivos, e, multiplicadoras do legado negro ancestral (OLIVEIRA, 2016, p.118)”, me faz redimensionar os significados da coroa que recebi no ano de 2008 quando fui eleita Rainha dos Palmares no *Concurso Beleza de Palmares* idealizado por Vera Paixão junto a ACNAP – Associação Cultural de Negritude e Ação Popular. Redimensiona a compreensão da arte como exercício de liberdade, campo de consciência histórica e ação política. Faz recuperar memórias junto a dona do ventre escuro como a terra que foi

⁵ O professor, pesquisador e dançarino afro-americano Clyde Alafiju Morgan lecionou na Escola de Dança da UFBA na década de 70. Ver, Nadir Nóbrega (2006).

Um Filme de Dança (2013) dirigido e produzido pela cineasta e coreógrafa carioca Carmen Luz. Treiler: <https://www.youtube.com/watch?v=eZArJdLn88o>

⁶ Da língua iorubá para a língua portuguesa traduz-se Ara (corpo) Itan (história) (OLIVEIRA, 2016)



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Cor e da Raça

meu primeiro chão, Dona Helena, e compreender em profundidade o senso de responsabilidade que cultivou em mim, criando uma Cilinha que desde a coroação se pergunta constantemente: o que é ser uma rainha?

Agô, minhas mais velhas!

VERA PAIXÃO



A começar por suas próprias palavras:

Vera Lúcia de Paula Paixão (1968 -) natural de Mandaguari-PR. Mãe de Keny Adubi, Laremi e Moyemi. Atua como técnica em enfermagem, cuidadora de idosos e acadêmica de Serviço Social. É militante no Movimento Social Negro em Curitiba há 30 anos. Co-fundadora da ACNAP – Associação Cultural de Negritude e Ação Popular e fundadora do Grupo Afro Cultural Ka-Naombo, grupo que com a dança-afro, o teatro e a poesia busca combater o racismo, o preconceito, valorizar e difundir a cultura negra. É criadora do Concurso Beleza de Palmares e realizadora do show Tina Music.

Como atriz, participou da Campanha da Semana de Consciência Negra e dias das

Mães da RPC, do filme *Cafundó* (2005)⁷ e do documentário *Mirian quer Brigar* (2017)⁸. Foi membro de banca examinadora de cotas raciais no Paraná, Rio de Janeiro e Sergipe. Membro do FESP-PR - Fórum de Educadores (as) Sociais e Populares do Paraná. Participou do projeto de criação pelo Grupo Uninter do primeiro Curso Tecnólogo de Educador(a) Social do Brasil.

É poetisa e autora do livro AYO (2017) publicado pela editora Bolsa Nacional do Livro como parte da *Marianas Coleções* e também do livro *Danças Negras* (2018) cujo lançamento está previsto para 2019. Membro do Coletivo Marianas.

Mulher Preta! Que incansavelmente busca uma sociedade mais justa, onde a população negra seja respeitada com seus traços, cultura e valores. (PAIXÃO, 2017)

Tal como nos mostra esta breve introdução, trata-se de uma pessoa de presença ampla: amplitude no espaço-tempo, na percepção do mundo e nos modos de produzir e significar a vida. Engajada com campos diversos, dentre eles as artes, a política e o serviço social, vem construindo ao longo de sua trajetória um legado multifacetado, como um rio vivo e profundo com vários braços que correm diferentes direções no curso do tempo.

Um primeiro ponto importante nesta reflexão é que as produções de Vera são em grande medida ligadas a *coletividades* – organizações políticas, sociais, culturais e artísticas – das quais participa de modos

⁷ “Cafundó” é um filme brasileiro dirigido por Clóvis Bueno e Paulo Betti rodado em 2003 em quatro cidades do Paraná.

⁸ “Mirian quer brigar” (2017) filme dirigido por Silvia Albuquerque Queluz e Tais Urquizar.

distintos ao longo de seu percurso. A ACNAP – Associação Cultural de Negritude e Ação Popular, fundada no ano de 1990 por Paulo Borges e José de Arimatéia, na cidade de Curitiba, é uma delas, na qual Vera Paixão é coordenadora. Esta organização, conforme consta em ata de fundação, nasce do encontro entre pessoas negras que se reuniam para estudar e discutir a situação do negro no Brasil e, sobretudo, em Curitiba⁹. Suas ações ao longo destas quase três décadas, são orientadas para a construção de uma consciência sócio-histórica emancipatória e melhora da qualidade de vida de pessoas negras e periféricas da cidade.

O *Cursinho pré-vestibular para negras e negros da ACNAP* é exemplo das ações desenvolvidas pela associação, que contribuíram em larga medida para que pessoas negras em situação de vulnerabilidade socioeconômica tivessem *acesso* à educação e pudessem se inserir no mercado de trabalho. Não raramente as (os) participantes dos cursos solidários estão hoje espalhadas pelas universidades públicas e privadas do país.

Além disso, a ACNAP ofereceu em sua sede cursos de dança-afro, balé, dança de salão, hip-hop, musicalização, pintura dentre outras atividades, muitas vezes ministrados por pessoas da própria comunidade. A

pluralidade de linguagens trabalhadas neste espaço nos períodos em que esteve ativo como ponto cultural revela consciência e atenção para a diversidade de gostos e demandas da comunidade onde se localiza, Vila Xapinhã no bairro Sítio Cercado, periferia curitibana.

Para uma cidade socioespacialmente desigual como a Curitiba, na qual a expectativa de vida de um jovem morador dos bairros mais nobres indica ser doze vezes mais alta do que a de jovens moradores em bairros periféricos – realidade ainda mais perversa nas regiões metropolitanas¹⁰ – ações sociais como as realizadas pela ACNAP são altamente revolucionárias e emancipatórias. As inúmeras dificuldades enfrentadas pela entidade ao longo das últimas três décadas para existir neste espaço segregado, não impediram a força poderosa de seus feitos.

ACNAP é um rio do qual o próprio legado de Vera emerge no espiralar do tempo, fazendo-se braço expandido que vai se tornando ele próprio um rio, com outros braços e ramificações. É também nessa vida corrente e correnteza que nasce o *Grupo Afro-Cultural Ka-Naombo*.

⁹ Ata e histórico de fundação da disponível em: <https://sites.google.com/site/acnapbr/home>

¹⁰ Conteúdo publicado na 30ª edição do Jornal Brasil de Fato no dia 30 de março de 2017. Matéria intitulada “Curitiba, 324 anos, uma história manchada pela segregação e pela desigualdade” de autoria de Daniel Giovanaz. Disponível em mídia impressa e na página oficial do jornal na internet. Acesso em 14/11/18.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulheres e Políticas do Afeto

GRUPO AFRO-CULTURAL KA-NAOMBO (1991 –)

A expressão Ka-Naombo segundo Vera Paixão fundadora do grupo, vem da língua africana *kimbundu*¹¹ e significa *coisa de negro*. O grupo foi fundado no ano de 1991 na cidade de Curitiba como forma de valorização das culturas negras e combate à violência racial.

Arte como espaço de celebração, confronto e exercício crítico no mundo. Dança, música, teatro e poesia imbuídas de simbologias, identidades, estéticas, técnicas e poéticas negras. Descobrimos e recriando coletivamente uma ideia própria de *negritude*¹² num fazer alicerçado em um profundo conhecimento histórico-cultural.

Há um forte caráter afirmativo que fundamenta a existência do grupo e desde sempre, move seus fazeres. O que não impediria e não impediu que se tornasse também e – ao mesmo tempo – um espaço de cultivo de nossos valores culturais, bem como

¹¹ Língua africana de origem *banto*; bantos, grande conjunto de povos agrupados por afinidades etnolinguísticas, localizados nos atuais territórios da África Central, Centro-Occidental, Austral e parte da África Oriental (LOPES, 2011)

¹² Segundo Maria de Lurdes Siqueira (2006) **negritude** é “o conjunto de valores, culturais, socioeconômicos e políticos da África que caracterizam o povo negro (SIQUEIRA, 2006, p.29)” criado por Leopold Sedar Senghor (1906-2001). Importante político e escritor senegalês que desenvolveu um pensamento científico contra o colonialismo francês na África pautado nesta ideia de negritude.

um verdadeiro laboratório de pesquisa e criação artística dos quais se desdobraram inúmeros processos criativos resultando em diferentes produções ao longo do tempo.

Tal como o espetáculo “Filhos da Terra” apresentado no ano de 2013 no Teatro Guaíra, tendo como inspiração as simbologias e poéticas dos orixás. Tal como em outros trabalhos, temas relacionados às culturas negras em movimento, às subjetividades e experiências de vida dos artistas, criadores, músicos e coreógrafos que integraram o grupo ao longo do tempo.

O histórico do Ka-Naombo revela uma predominância do estilo identificado por Vera como *afro-tribal*¹³, geralmente acompanhado pela presença de tocadores e tocadoras e pelo som percussivo dos tambores – há também nos repertórios uma diversidade de influências estéticas e métodos compositivos. Pois a própria dança-afro é um universo amplo, plural e vivo.

Esta pluralidade é bastante evidente nos processos e produções do grupo. Geralmente orientadas pelo estilo afro-tribal e atravessadas pela presença de outras matrizes estéticas que fazem parte das dinâmicas constantes de reinvenção das chamadas

¹³ Terminologia utilizada por Vera para se referir ao estilo de afro praticado pelo grupo. Segundo (SILVA, 2007, p.32) o estilo é associado a danças de guerra e acompanhado pelos toques percussivos dos tambores. Sobre a pluralidade de saberes e fazeres das danças-afro no Brasil, ver Ferraz (2012).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas

danças-afro. Coreografias embaladas ao som do Bloco-Afro Ilê Aiyê¹⁴ imbuídas de gestualidades e signos próprios desta expressão afro-baiana, sobre a qual Vânia ensina:

Os nossos gestos, posturas e olhares transgridem, afirmam e resistem ao tempo. Se para as danças, o corpo é o principal comunicador, então, nossos corpos expressam o poder, a identidade, linguagem e a reflexão sobre as culturas, valores, religiosidade, heranças do legado africano no Brasil. (OLIVEIRA, 2016, p.166)

A aproximação destes e outros repertórios como o samba-de-roda e o samba enredo utilizados como matriz estética simbólica nas pesquisa de linguagem dos espetáculos, são parte deste laboratório. Sobre a época de fundação do grupo Ka-Naombo em Curitiba Vera comenta:

Em Curitiba não tinha dança afro. De vez em quando o cônsul do Senegal trazia pessoas pra dar oficina. Era assim, só oficina de dança-afro em final de semana sabe, sábado e domingo, de vez em quando. Foi só mesmo o Ka-Naombo naquela época [década de 90]. Nós começamos não sabia nada. Só sabia olhar mesmo os vídeos, a gente via umas coisas e saía dançando. Mas tinha muita força de vontade e tinha muito querer. (PAIXAO, 2017)

Observando o grupo e refletindo sobre a fala de Vera me questiono: Quantas “Veras” antes da própria Vera que ela mesma não conheceu, nem você e nem eu? Quantos Ka-Naombos? Quantos métodos de pesquisa, processos de criação artística e formas de

¹⁴ Bloco-Afro Ilê Aiyê nascido no bairro Curuzu na cidade de Salvador em 1974.

produzir conhecimento são invalidados ao longo da história de todos os dias? Por que raramente aprendemos sobre o legado de Mercedes Batista¹⁵ ou sobre o Teatro Experimental do Negro¹⁶ na escola? O que sabemos sobre os povos originários profundos conhecedores da terra que pisamos todos os dias? Como aprendemos a aprender?

Embora o espaço deste texto não comporte a amplitude desta discussão, cabe pontuá-la. Estamos falando de relações desiguais de poder, mecanismos de dominação, passado que se atualiza nos “aquis e agoras”, estamos falando de *colonialidade*. Pois tal como afirma a antropóloga e dançarina Luciane Ramos Silva:

Sendo a colonialidade a reverberação atualizada das engrenagens coloniais que deshistoricizam e inferiorizam os corpos subalternizados, reservando a eles lugares prescritos e determinados nas diversas esferas da vida social, reconhecemos que ela é uma instância que naturaliza e hierarquiza as diferenças, permanecendo e acontecendo no corpo, na percepção que a pessoa tem do mundo, em sua maneira de organização e compreensão do seu entorno e na imagem que constrói sobre si e sobre os outros (SILVA, 2018, p.32-33).

Na medida em que o europeu se coloca como centro do mundo, impondo seu modelo

¹⁵ Sobre vida e obra Mercedes Batista (1921-2014), uma das pioneiras das danças-afro no Brasil. recomendamos o documentário “Balé de Pé no Chão” (2005) dirigido por Lilian Solá Santiago e Marianna Monteiro.

¹⁶ O Teatro Experimental do Negro foi fundado no Rio de Janeiro em 1944 por Abdias do Nascimento (1914-2011), há menção a seu legado no decorrer do texto.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres, Políticas e Gêneros

civilizatório a custo de genocídio e exploração, impondo também sua fé, seus deuses, suas formas culturais; ditando ao longo de séculos suas verdades únicas acerca da história da humanidade, definindo até mesmo o que é e quem participa da humanidade – se colocou também como parâmetro para definir o que é conhecimento válido e o que não é. No campo da dança e de um modo geral no campo das artes, isso não é diferente.

Luciane em sua tese redimensiona nossas compreensões acerca de como essa realidade se dá nos espaços de produção de conhecimento em dança, direcionando seu olhar crítico para as propostas curriculares nos cursos de licenciatura em dança do país.

Sua análise nos permite observar que os parâmetros e lógicas eurocêntricas¹⁷ que vigem em grande medida nos cursos de dança e no sistema educacional como um todo, historicamente, excluem e/ou minimizam formas não eurocentradas de conhecimento suprimindo deste modo, uma diversidade de formas de conhecer o mundo e significar a dança, as artes, ou a vida.

Isso se materializa em situações como provas de balé clássico e dança contemporânea, realizadas repetidamente ao

longo de décadas como parte obrigatória de processo seletivo para ingressar em curso de nível superior em dança. Realidade que muitas vezes, se repete quando ingressamos nos cursos e não nos vemos ali.

Te afeta imaginar quanto conhecimento nos foi e é tirado? “Seja pela peneira das epistemologias eurocêntricas e suas *“anatomias hegemônicas”* (SILVA, 2018, p. 121)”, ou outras múltiplas dimensões do (não) acesso, este ciclo perverso certamente impossibilitou que muitas pessoas advindas de outras experiências e contextos corporais adentrassem ou vislumbrassem o curso, a universidade, ou a ciência de modo, geral como uma realidade tangível. Vera:

Eu trabalhei na roça, depois trabalhei de empregada doméstica um tempão. Então eu não tive a oportunidade de estudar direito. Só agora depois de grande. Então, as pessoas, pra elas, às vezes, isso não é nada (PAIXAO, 2017).

Aliás, quanta ciência há no cotidiano da roça? Quanto saber há no fazer do trabalho doméstico? Cresci acompanhando minha mãe nas faxinas, conheço de perto a ciência do ofício da limpeza, os elaborados processos de transformação e renovação dos ambientes que fazem a energia circular novamente pelo espaço. Aprendi a cultivar e apreciar. A ciência da vida ensina.

Nessa “graduação” tenho aprendido também desde cedo as experiências de subalternidade às quais estes saberes, ofícios e

¹⁷ Junto a Luciane: “compreendemos eurocentrismo como a generalização das formas européias de interpretar o mundo (valores civilizatórios, religiosidade, etc) enquanto superiores e modelo único frente às culturas não européias (SILVA, 2018, p.36)”.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

peças são relegadas, histórica, cultural, econômica e socialmente. Bolsa fechada, mãos à vista, só entrando se fosse com dinheiro suficiente para comprar algo relativamente caro no caso de ser destrutada. Aprendi desde cedo. E assim minhas irmãs, minha mãe Helena, certamente sua mãe Lázara. De outras formas, também Vera e como elas tantas pessoas pretas.

Somos plurais enquanto pessoas negras. Sabemos, nem todas as histórias são assim. Temos experiências sociais diversas e somos feitos também pelos lugares, contextos e memórias que nos habitam ao longo do tempo. Entretanto, aqui, estamos tratando de desigualdade também e sabemos o quanto ela corrói. Por outro lado, sabemos o quanto as danças-afro, por exemplo, nos permite subverter as realidades de subalternidade que este sistema perverso nos relega enquanto pessoas negras.

O aprendizado do movimento, do gesto, da voz, do ritmo, da fala, da escrita, da conversa e do convívio envolve uma ciência potencialmente transformadora. Permite conectar com nossas próprias histórias. As histórias que o corpo sabe dessa ciência que vem da vida. Como observa Luciane:

Além do corpo anatômico, há as relações que se estabelecem no corpo, em seus contextos e os universos de significado criados a partir de então. Sendo capaz de agir, de ter intenção e de ser atravessado pelas mais diferentes sensações, o gesto estabelece a concretude dessas relações e

imbui o movimento de comunicação (SILVA, 2018, p.12).

Ka-Naombo é chão. É história viva de largos passos. A seu tempo, a seu modo, em seu chão, com os meios que dispõe, produzindo espaço de pesquisa e território de resistência. Deste novo rio, novos outros surgem. Ka-Naombo é representatividade das danças e das artes negras na cidade.

Laremi Paixão filha de Vera dançarina e coreógrafa do Ka-Naombo, ministra oficinas de dança em contextos diversos, parte da equipe do Um Baile Bom!. E também como parte do projeto Pontes Móveis em Travessias Afro-Contemporâneas, projeto sobre o qual falarei mais adiante.

[...] E hoje saber que minha filha tá participando disso com vocês, já é maravilhoso. Minha filha tá com você, tá com o Léo, tá com o Um Baile Bom! Quer dizer, todas essas meninas que eu um dia estive, né! [...] (PAIXÃO, 2017)

Seguimos com nossas danças vivas sim e este legado todo se faz presente em nós que somos continuidade. O Um Baile Bom!¹⁸ É uma movimento-festa-ato político de mobilização da comunidade negra e região metropolitana da cidade que se inspira nos *bailes blacks* e acontece desde 2015 na cidade de Curitiba. Foi idealizado pela produtora cultural Brenda Maria a qual Vera menciona. É um dos

¹⁸ Ver site Um Baile Bom
<https://umbailebom.wordpress.com/>



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulheres, Políticas e Políticas

movimentos que vem surgindo como importantes espaços de cultivo de nossas identidades. O *Bloco Afro Pretiniosidade* (2017) dirigido pelo percussionista e professor Diorlei Santos que também integrou o grupo Ka-Naombo é outra destas sementes cultivadas em meio a este legado.

Seguimos sendo continuidade!

COROANDO RAINHAS E REIS

O *Concurso Beleza dos Palmares* é outro dos largos braços deste legado que abordaremos aqui e é também nossa ultima paragem nesta rota reflexiva. Trata-se do contexto que marca meu encontro com esta grande mulher e que habita camadas profundas desta escrita, no sentido do que a move e do que ela se propõe a mover. Encontro que segue sendo encruzilhada.

Produzido conjuntamente à ACNAP e ao grupo Ka-Naombo este evento foi criado por Vera Paixao e realizado anualmente entre os anos 1998 a 2012 na cidade de Curitiba em datas próximas ao vinte de novembro. Data que no Brasil foi instituída como Dia Nacional da Consciência Negra¹⁹, fazendo referência à morte de Zumbi, símbolo de luta e resistência para o povo negro brasileiro, líder do Quilombo dos Palmares. O percurso

que fizemos até aqui nos permite compreender que esta referencia simbólica não é ao acaso, nem tampouco vazia de sentido. Afinal, os quilombos são formas insurgentes de organização social e política dos povos africanos escravizados. Consciência, autonomia e luta coletiva por liberdade. Uma resposta de nossos ancestrais diante da circunstância desumana de exploração e dominação a que foram forçosamente submetidos.

Quilombos vivem! como bem sabem e nos ensinam Leonardo da Cruz e Isabella da Cruz parte da juventude quilombola da Comunidade Quilombola Paiol de Telha localizada em Guarapuava-PR²⁰ que partilha da realidade curitibana.

Concebendo a valorização das estéticas e culturas negras o concurso se tornou tradicional celebração na cidade. Sua estrutura previa tanto desfile de passarela como apresentação de dança. Como forma de preparar os participantes e dar suporte às atividades propostas, a organização do evento realizou em todas as edições uma etapa preparatória, oferecendo aos participantes aulas de dança-afro e de desfile de passarela que se intercalavam com os ensaios gerais para o grande dia. Esses encontros aconteciam na sala do Teatro Guaíra, graças a uma

¹⁹ Conforme consta na lei 12.519/2011 sancionada pela então presidenta Dilma Rousseff.

²⁰ Documentário Terra: comunidade Quilombola Paiol de Telha:
<https://www.youtube.com/watch?v=7EyOW0iCIFI>



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulheres e Políticas da Pátria

parceria institucional entre ACNAP e a referida instituição. As programações anuais do evento contavam também com momentos de fala da comunidade de realizadores e apresentações artísticas e culturais, muitas vezes protagonizadas pelo Ka-Naombo e pela própria Vera com seu trabalho solo Tina Music.

Particpei do concurso no ano de 2008²¹, aos 18 anos. E nesse espiralado tempo no qual “tudo vai e tudo volta” (MARTINS, 2002, p.84), estamos aqui passando outra vez por aquela passarela e revendo sua importância. O dia em que minha família: Helena, Luiz, Camilla e Carol foram assistir pela primeira vez uma apresentação em que o contexto seria dança-afro e não balé. Vestido vermelho, brinco feito de três bolachas de metal velho e colar de arame. O desfile daquele dia, já se passou há dez anos, mas até hoje atravessa o chão dentro de mim.

Travessia que nos leva a meu primeiro chão da vida: Dona Helena. Essa que olhou para mim ainda criança, ali pelos dez, em uma situação pública de completa negação do cabelo crespo e disse: “minha filha você ainda vai entender que seu cabelo é lindo! Você vai ver minha filha, você ainda vai ser famosa por causa do seu cabelo!”. Sinto aquele abraço até

hoje. Dona do ventre que foi meu primeiro chão. “Terra, terra, por mais errante que o errante navegante, quem jamais te esqueceria? Caetano Veloso (1978)”.

Eis que na oitava edição do concurso, na noite do dia 22 de novembro de 2008 fui eleita Rainha dos Palmares! Veja minha mãe, realmente “as palavras têm poder” tal como me ensinou, tal como diz nossa ancestralidade negro-africana. Sim *mainha!* como dizem carinhosamente aqui nessa África reinventada: as palavras têm poder. E também têm história. Palavra é poder tanto quanto o direito de proferi-la, de acessá-la, de reinventá-la, sabemos. Você disse que eu entenderia que meu cabelo era lindo, que seria famosa e que seria por causa do meu cabelo, profetizou. Aprendi que meu cabelo é lindo sim, que é herança ancestral e símbolo de resistência pro nosso povo. Que muitas pessoas se inspiram em mim, e isso remedia a auto-estima estilhaçada, passa pela seduzente vaidade, mas no fundo a Cilinha que você criou toma isso mais que tudo, como responsabilidade. Atravessamos duras camadas de história naquela passarela, afinal “as violências religiosa, social, cultural, intelectual, física e moral, somada ao desejo dos colonizadores/escravistas de enfraquecer e erradicar as culturas de meus [nossos] ancestrais não passou de uma grande utopia (OLIVEIRA, 2016, p.39)”.

²¹ Reportagem sobre esta edição do evento Programa Movimento, Quem TV Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uDyIfnq4U_k



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulheres e Políticas da Cor

Nesses estudos que vêm fazer na Bahia nos últimos anos tenho encontrado pessoas continentes. Dentre essas presenças preciosas Vânia Oliveira: Negra Malê, Deusa do Ébano, pesquisadora e professora de dança. Ela empreendeu uma pesquisa preciosa acerca dos Blocos-Afro de Salvador, reunindo diversas das rainhas desses blocos, às quais ela nomeia ARA-ÌTÀN Corpos-história (em iorubá), nos ensina que os Blocos-Afro são instituições socioculturais onde os valores e ideais do povo negro se reinventam ao longo do tempo.

Vânia nos fala, sobre a importância destes espaços e seus impactos, sobretudo, nos processos de vida e auto-estima de mulheres negras como nós, Dona Helena. Mais uma das histórias de resistência que nos roubam nas escolas. Esta Rainha nos fala que as mulheres ARA-ÌTÀN: “Mostram-se mulheres oportunizadas a despertar os seus pertencimentos e, desta forma, se tornarem referências de sujeitas ativas, reflexivas e críticas (OLIVEIRA, 2016, p.31).

Sim! Estamos aqui em travessia com Pontes Móveis em Travessias Afro-Contemporâneas²² projeto que tem como interesse central o fomento à pesquisa e difusão de referências negras no campo dança. Idealizado por mim e construído junto

a Nelson Sebastião, Matê Magnabosco Leonardo da Cruz, Dilma Nascimento, Laremi Paixão e Maria Carolina Felício. Equipe de educadores, artistas e pesquisadores que o chão e os batuques dessa cidade fez encontrar ao longo dos anos. Estamos desde 2015 neste projeto construindo e cavando espaço, reinventando e sendo continuidade.

A coroa que recebi sobre minha crespadora diz isso. Bradamos com a historiadora Beatriz do Nascimento (1989) “Oh paz infinita, poder fazer elos de ligação em uma história fragmentada!”.

Vera Paixão, ACNAP, KA-NAOMBO, seguimos juntos cultivando a sapiência de nossa *primeira mais velha* com os saberes e valores ancestrais que nos legam e realizam em Curitiba. Seguimos construindo e vendo renascer nossas pequenas Áfricas desde este chão também tão nosso, tão negro e indígena. Escrevo para aprender a reaprender a história, para que seja contada por nós. Escrevo para que a juventude preta de Curitiba saiba suas referências e siga multiplicando estes ideais. Escrevo para dizer que Curitiba também é preta!

Escrevo para que nossas epistemologias sigam vivas em espaços acadêmicos de produção de conhecimento e nos permitam viver dignamente neste espaço ainda tão perverso e homogêneo.

²² Registro ciclo de abertura 2018

https://www.youtube.com/watch?v=UQHpHb9_ncA



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulheres e Danças da África

Escrevo porque Dona Helena semeou em mim perseverança, responsabilidade e vontade de viver. Escrevo para desvendar e arrancar palavras que nos fizeram engolir, nós pessoas negras, sobretudo as mulheres. Para honrar quem arranca e cura. Escrevo porque sei que as palavras têm poder e carregam uma crespa coroa coroada como os troncos e galhos e folhas sobre a Terra. A velha senhora que gira elíptica em torno de si e do sol.

REFERENCIAS

MORAES, Pedro R. B. e SOUZA, Marcilene G. Invisibilidade, preconceito e violência racial em Curitiba. **Revista de Sociologia e Política**. nº13, nov/1999. (p. 7-16).

FERRAZ, Fernando Marques Camargo. **O fazer saber das danças afro: investigando matrizes negras em movimento**. Dissertação (Mestrado em Artes), Instituto de Artes, Unesp. São Paulo, 2012, 291p.

IANNI, Octavio. **As metamorfoses do escravo**. São Paulo: Difel. 1962

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar In: **Performance, Exílios, Fronteiras: errâncias territoriais e textuais**. Graciela Ravetti e Márcia Árbex (organizadoras). Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras UFMG. Poslit, 2002.

MARTINS, Wilson. **Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná**. 2ª edição. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

NASCIMENTO, Abdias. Teatro experimental do Negro: trajetória e reflexões, In **Estudos**

Avançados. Vol.18 nº50 São Paulo. Jan/Apr, 2004.

PAIXAO, Vera. **Entrevista concedida para autora**. Curitiba, 2017.

GERBER, Raquel, NASCIMENTO, Beatriz. **Ori** (1989).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª edição – Rio de Janeiro, DP&A.

SILVA, Dermeval Ferreira da. **A Dança-Afro em Curitiba na década de 1985-1995**. Monografia. Especialização em História e Cultura Africana - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2007.

SILVA, Luciane Ramos. **Danças Africanas e suas diásporas no Brasil**. Videoaula Biblioteca Virtual Cyberquilombo, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tP206mrqm98>.

_____. **Corpo em Diáspora: corpo, pedagogia de dança e Técnica Germaine Acogny**. Tese de Doutorado. Instituto UNESP. 2018

PIMENTEL, Marina de Oliveira. **Curitiba em cores: a prática do grafite e da pichação frente ao marketing urbano na capital paranaense**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Coimbra. Coimbra, 2012.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **Intelectualidade Negra e Pesquisa Científica**. Ed. EDUFBA, 2006.

OLIVEIRA, Vânia. **“ARA-ÌTÀN: a dança de uma rainha, de um carnaval e de uma mulher”**. Dissertação de Mestrado. UFBA, Salvador, 2016.